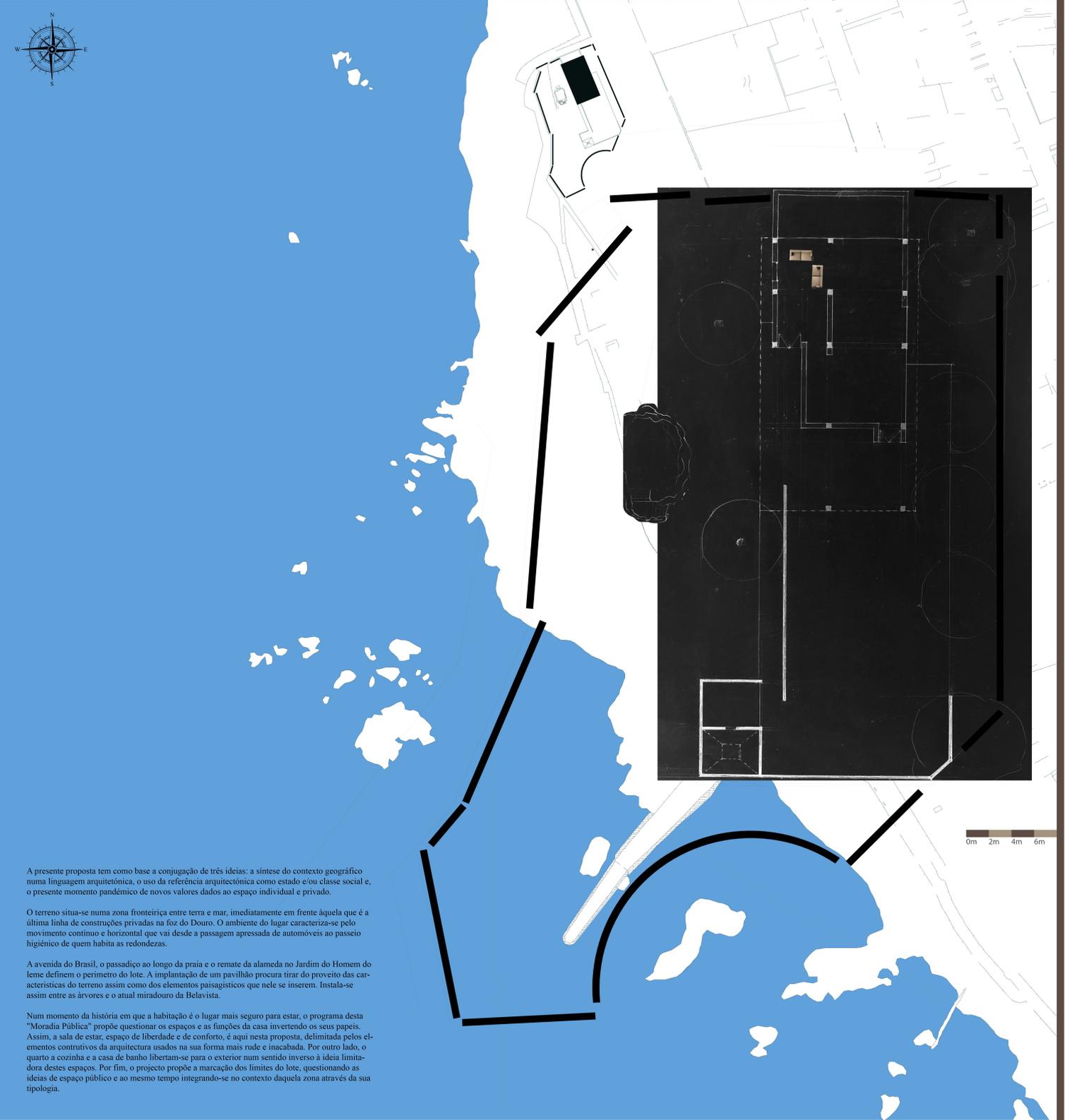


MORADIA PÚBLICA



A presente proposta tem como base a conjugação de três ideias: a síntese do contexto geográfico numa linguagem arquitectónica, o uso da referência arquitectónica como estado e/ou classe social e, o presente momento pandémico de novos valores dados ao espaço individual e privado.

O terreno situa-se numa zona fronteiriça entre terra e mar, imediatamente em frente àquela que é a última linha de construções privadas na foz do Douro. O ambiente do lugar caracteriza-se pelo movimento contínuo e horizontal que vai desde a passagem apressada de automóveis ao passeio higiénico de quem habita as redondezas.

A avenida do Brasil, o passadiço ao longo da praia e o remate da alameda no Jardim do Homem do leme definem o perímetro do lote. A implantação de um pavilhão procura tirar do proveito das características do terreno assim como dos elementos paisagísticos que nele se inserem. Instala-se assim entre as árvores e o actual miradouro da Belavista.

Num momento da história em que a habitação é o lugar mais seguro para estar, o programa desta "Moradia Pública" propõe questionar os espaços e as funções da casa invertendo os seus papeis. Assim, a sala de estar, espaço de liberdade e de conforto, é aqui nesta proposta, delimitada pelos elementos contrutivos da arquitectura usados na sua forma mais rude e inacabada. Por outro lado, o quarto a cozinha e a casa de banho libertam-se para o exterior num sentido inverso à ideia limitadora destes espaços. Por fim, o projecto propõe a marcação dos limites do lote, questionando as ideias de espaço público e ao mesmo tempo integrando-se no contexto daquela zona através da sua tipologia.